

SAÚDE DE ESCOLARES: FATORES ASSOCIADOS A FORMAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NA ADOLESCÊNCIA

¹ Márcia de Paula Sousa

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil

marcinhaed.fisica@hotmail.com

² Ricardo Catunda

Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil

ricardo.catunda@uece.br

RESUMO:

Este artigo versa sobre o levantamento da literatura pertinente a imagem corporal e seus constructos. Teve como objetivo apresentar a imagem corporal como um construto envolto nos diversos elementos e variáveis que a influenciam, sendo perceptível a existência de um problema que poderá gerar sérias consequências para a formação das adolescentes, comprometendo a saúde, as relações sociais e a adoção de hábitos saudáveis e duradouros de práticas de atividade física e esportiva. O distanciamento do corpo idealizado culturalmente afeta a dinâmica social na medida em que a busca pelo enquadramento nos padrões não reconhece limites, sendo tal motivação exercida sem o devido reconhecimento da diversidade das constituições físicas que estão presentes na população, bem como dos riscos à saúde física e psicológica das pessoas. Nesse sentido, compreender a relação dos níveis de aptidão física com a autopercepção da imagem corporal, deve ser motivo de atenção, pela configuração social pautada pelo inativismo e obesidade em padrões sedentários de comportamento. Os estudos analisados apresentaram suporte teórico capazes de consubstanciar novas pesquisas, evidenciando a importância de programas desenvolvidos na escola.

Palavras – chave: Imagem corporal. Adolescência. Saúde na escola.

A Imagem Corporal na Adolescência

A sociedade atual apresenta características culturais onde a padronização dos comportamentos, objetos e, em especial o corpo, assumem modelos como fonte de identidade, configurando um movimento estético no qual predomina a imagem como forma de comunicação (Martins, Nunes, & Noronha, 2008) fortemente influenciada pela mídia na propagação de corpos irreais (Barbosa, Matos, & Costa, 2011; Frois, Moreira, & Stengel, 2011).

No Brasil ter um corpo dentro dos padrões de beleza tornou-se uma preocupação principalmente para as mulheres (Oliveira & Hutz, 2010). Este comportamento social impacta a todos, em particular os adolescentes pelas características próprias da idade que passa por significativas transformações biológicas e emocionais, ânsia da conquista por autonomia e maior exposição aos riscos do cotidiano (Kanauth & Gonçalves, 2006), aspectos que contribuem para que procurem a todo custo o corpo de padrões culturalmente aceitos, afastando-os da autopercepção de seu corpo real em busca do corpo ideal (Gardner, 2001; Silva Júnior, & Silva, 2014).

Estes aspectos incidem na formação da imagem corporal, recebendo influência de fatores como o gênero, idade, ambiente sociocultural, opinião dos pares, familiares, mídia, redes sociais e valores humanos (Alves, Pinto, Alves, Mota, & Leirós, 2009; Becker, Burwell, Herzog, Hamburg, & Gilman, 2002; Conti, Costa, Peres, & Toral, 2009; Hargreaves & Tiggemann, 2004; McCabe & Ricciardelli, 2004).

A maneira como o adolescente percebe seu corpo é condição fundamental na formação de sua identidade (Murray, Rieger, & Byrne, 2013). Desse modo, importa a devida atenção a dois conceitos presentes no desenvolvimento dos adolescentes: imagem corporal e autoestima. Imagem corporal é a figuração de nosso corpo formada na mente (Schilder, 1994). Definições recentes para a imagem corporal afirmam ser esta a representação do corpo que fazemos mentalmente com característica multidimensional e influências biopsicoculturais apresentando os componentes perceptivos e atitudinais (cognitivos emocionais e comportamentais) que se estabelecem continuamente, partindo de valores positivos e usualmente associados a sentimentos e comportamentos saudáveis (e.g. a prática de exercícios, cuidados com o corpo, relações sociais estáveis e autoestima) para valores negativos, associados a outros quadros clínicos como depressão e obesidade (Gonçalves, Campana, & Tavares, 2012).

A imagem corporal pode ser conceituada como uma construção multidimensional que representa como os indivíduos pensam, sentem e se comportam a respeito de seus atributos físicos (Banfield & McCabe, 2002; McCabe & Ricciardelli, 2004; McKay-Parks & Read, 1997; Muth & Cash, 1997; Thompson, 1990), é modificável refletindo desejos, atitudes e interação com outras pessoas (Murray, Rieger, & Byrne, 2013) e se constitui na figuração do próprio corpo formado e estruturado na mente (Smolak, 2004). Sobre a imagem corporal de adolescentes, esta se confronta com o corpo idealizado e quanto mais o corpo se distanciar do real maior será a possibilidade de conflito, comprometendo sua autoestima (Chipkevitch, 1987; Clay, Vignoles, & Dittmar, 2005; Davison & McCabe, 2006). Autoestima é um indicador de bem-estar mental, sendo o conjunto de atitudes e ideias que cada pessoa tem sobre si. É dinâmica e apresenta oscilações revelando-se nos acontecimentos sociais, emocionais e psíquico-fisiológicos (Algars et al., 2009; Mosquera & Stobäus, 2006).

Referente à adolescência, é necessário especial atenção aos aspectos relacionados às transformações físicas, psicológicas, ambiente sociocultural e mídia como influenciadores das relações socialmente estabelecidas (Frois, Moreira, & Stengel, 2011), onde se materializa as experiências necessárias para um crescimento harmonioso e o estabelecimento de vínculos. Esses contextos, hoje vivenciados com as exigências da sociedade de consumo, fazem do corpo um produto a ser conquistado, tendo as mais jovens o desejo crescente em apresentar-se dentro de padrões de atratividade onde a condição primeira é a magreza (Schneider, et al., 2013), o que pelas características dos estilos de vida dos adolescentes com predominância do alto consumo de calorias e declínio de participação nas atividades físicas (Currie, et al. 2009, 2010; Finne, Bucksch, Lampert, & Kolip, 2011; Mendonça & Anjos, 2004; WHO, 2011) não é crível ocorrer.

O distanciamento do corpo idealizado culturalmente afeta a dinâmica social na medida em que a busca pelo enquadramento nos padrões não

reconhece limites, sendo tal motivação exercida sem o devido reconhecimento da diversidade das constituições físicas que estão presentes na população, bem como dos riscos à saúde física e psicológica das pessoas. A imagem corporal é o principal fator desencadeador de transtornos alimentares (Keery, Van den Berg, & Thompson, 2004; Neumark-Sztainer et al, 2006; Stice & Shaw, 2002) anorexia nervosa, bulimia, obesidade, quadros de dismorfismo muscular, cirurgias estéticas e protéticas, e as práticas diversas de mudanças na imagem, tais como *piercings* e tatuagens (Ribeiro & Oliveira, 2011).

É nesse contexto de riscos à saúde, que o adolescente impõe a si próprio, condição de se enquadrar dentro dos padrões estabelecidos socialmente, na perspectiva de não ser excluído pelo grupo de pertença, o que tende a gerar uma insatisfação com o corpo, além de acarretar alterações na percepção da imagem corporal (Beling et al., 2012; Conti et al., 2009).

A insatisfação com a imagem corporal se faz presente com maior acuidade no gênero feminino (Eisenberg, Neumark-Sztainer, & Paxton, 2006; Toni et al., 2012). Esta máxima se ampara nos conceitos e costumes culturais arraigados sobre o corpo da mulher, o que favorece o desenvolvimento de uma autoimagem negativa pela impossibilidade de se conquistar o ideal proposto.

Estudos de vários autores (e.g., Campana & Tavares, 2009; Dohnt & Tiggemann, 2006; Shilder, 1999; Turtelli, Tavares, & Duarte, 2002) comprovaram que nos últimos anos vem ocorrendo uma preocupação, tanto da comunidade científica, como em diferentes segmentos sociais, sobre a insatisfação das pessoas com seu próprio corpo. A insatisfação com o corpo acarreta sentimentos e pensamentos negativos quanto à aparência, influenciando o bem-estar emocional e a qualidade de vida em especial nas meninas adolescentes (Toni, et al., 2012) potencializada pelo baixo apoio parental (Gerner & Wilson, 2005). Por outro lado, é consenso que a satisfação corporal traduz-se como o componente afetivo da imagem corporal que permite o adequado desempenho emocional e social do indivíduo perante a sociedade (Del Ciampo & Del Ciampo, 2010). A satisfação corporal e autopercepção são fatores primordiais na autoaceitação das pessoas e podem gerar atitudes que interferem no seu convívio social, incluindo sintomas de depressão (Paxton, Neumark-Sztainer, Hannan, & Eisenberg, 2006).

A busca pelo corpo magro de formas definidas e atlético considerado ideal teve seu início nos anos de 1960, sendo este o padrão estabelecido de beleza. As pessoas que não se enquadravam no padrão referente a este modelo eram depreciadas na imagem do corpo, com agravante das dificuldades nas interações sociais e afetivas (McCabe & Ricciardelli, 2004). Alcançar o ideal de beleza era o objetivo a ser perseguido pelas mulheres, que faziam uso de dietas restritivas, frequentavam academias de ginástica para a realização de exercícios em excesso e se submetiam a cirurgias plásticas, tornando-se dependentes da boa forma para manutenção da jovialidade (Algars, et al., 2009; Chisuwa & O'Dea, 2010; Santos, 2007).

As meninas adolescentes comumente apresentam preocupações com o peso, aparência e dietas. A família, amigos próximos e pares (amizade e romântica) exercem pressão para que a jovens sejam magras, provocando a internalização da magreza como padrão de beleza, sendo esta, outra característica que favorece a insatisfação com a imagem corporal de adolescentes do gênero feminino (Cash & Fleming, 2004; McKinley & Randa, 2005; Ortiz, Veloz, Solis, Montano, & Esparza, 2010), potencializado por

mudanças culturais que tornam partes do corpo valorizadas em determinados períodos da história, o que contribui para que atualmente próximo da totalidade das adolescentes, apresentem disposição para mudar algo no corpo que não estão satisfeitas (Weinberg, 2001).

Merece relevo o fato da restrição dietética para ser magra ocorrer mesmo sem a insatisfação corporal provocada pela aprovação social (Stice, 2002). Estes aspectos relacionados ao peso e aparência suportam a literatura que sugere não ser a insatisfação corporal um período do desenvolvimento, mas um problema complexo que permanece na passagem da adolescência para a fase adulta jovem, sendo necessárias intervenções contínuas (Bucchianeri et al., 2013) posto que, a insatisfação com o corpo está associada ao aumento de peso, assim como a imagem corporal positiva se associa à comportamentos saudáveis que contribuem na defesa contra o acréscimo do IMC (van den Berg & Neumark-Sztainer, 2007), boa percepção de estado de saúde, senso de competência e um estilo de vida ativo (Marques et al., 2009).

Nesse sentido, compreender a relação dos níveis de aptidão física com a autopercepção da imagem corporal, deve ser motivo de atenção, pela configuração social pautada pelo inativismo e obesidade em padrões sedentários de comportamento.

Imagem Corporal e Níveis de Aptidão Física Relacionados

A aptidão física é a capacidade de realizar esforço físico nas tarefas diárias sem o aparecimento rápido da fadiga (Guedes et al., 2012). Os níveis adequados de aptidão física são reconhecidos por produzir efeitos positivos relativamente à saúde, sendo possível relacioná-los com a prevenção de doenças cardiovasculares, obesidade, diabetes e osteoporose (Singh, Paw, Brug & Van Mechelen, 2007; Vainionpaa, et al., 2007) e que, por envolver elementos motores é capaz de influenciar positivamente a prevenção de doenças não transmissíveis resultantes do estilo de vida sedentário (Gaya & Silva, 2007; Ronque, Cyrino, & Mortatti, 2010). O desenvolvimento da aptidão física também contribui para a ampliação do conhecimento do corpo o reconhecimento de limites e especificidades, podendo auxiliar a construção da autoestima positiva, a eficácia e a percepção de si, fatores importantes para a estruturação da imagem corporal (Mc Auley, Mihalko & Bane, 1995, 1997). Igualmente, se for mantida uma convivência por um modelo de estilo de vida ativo e saudável, fomenta o interesse por esses comportamentos durante toda a vida (Foss & Keteyian, 2000).

A adolescência é uma fase crítica para as preocupações com o peso, merecendo atenção dos pais e setores responsáveis pela educação e saúde, pois sendo a obesidade considerada epidemia tanto nos países em desenvolvimento como desenvolvidos e a aparência predispondo à insatisfação corporal, a obesidade pode aumentar a insatisfação com a imagem corporal (Dilek et al., 2007; Kimm & Obarzanek, 2002; Marchi-Alves et al., 2011), aliando-se ao sedentarismo e baixos níveis de aptidão física, nomeadamente aptidão cardiorrespiratória (Schubert, Januário, Casonatto, & Son, 2013).

Com o aumento do sedentarismo e diminuição de índices de atividade física entre escolares adolescentes, a aptidão física se transformou em motivo de preocupação para os profissionais da saúde (Cleland, Dwyer, Blizzard, & Venn, 2008; Mojica, Poveda, Pinilla, & Lobelo, 2008) devendo de modo

especial ser considerado a Educação Física. Quando relacionamos estes aspectos com a formação de padrões corporais entre os mais jovens, referimos o conflito entre o poder da mídia na propagação de ideais de beleza de difícil alcance para a maioria dos adolescentes e o crescente aprimoramento da indústria de alimentos na oferta de produtos acessíveis de alto valor energético, contribuindo para o avanço da obesidade e conseqüente insatisfação com a imagem corporal (Sisson & Katzmarzyk, 2008).

Na contramão do cenário que apresenta uma menor participação dos mais jovens nas atividades físicas e esportivas, a adesão a essas práticas, os tornaria menos expostos aos agravos provenientes de hábitos danosos à saúde, incorporando comportamentos favoráveis para um estilo de vida ativo e saudável.

Imagem Corporal e Participação nas Atividades Físicas e Esportivas

As atividades físicas e esportivas são manifestações construídas pela humanidade e que integram diversas práticas sociais, entre elas a Educação Física como disciplina curricular, que se responsabiliza por inserir pedagogicamente e com base em valores humanos, crianças e adolescentes nesse universo sociocultural.

A participação nas atividades físicas, esportivas e funcionais cotidianas na adolescência, necessita do desenvolvimento de um acervo motor construído desde a infância (Pelegri, Silva, & Petroski, 2011), sendo esta fase sensível à mudança de comportamentos (Guedes, 2007). Essas práticas têm sido associadas a inúmeros benefícios físicos, como a redução de doenças crônico-degenerativas (Warburton, Nicol, & Bredin, 2006) e benefícios psicológicos (Biddle, 2000; Paxton, Neumark-Sztainer, Hannan, e Eisenberg, 2006), incluindo autoestima e humor depressivo (Mond, Van den Berg, Boutelle, Hannan, & Neumark-Sztainer, 2011).

O senso de competência física tem sido associado com sentimentos positivos relacionados ao corpo, sendo as pessoas fisicamente ativas mais satisfeitas com seus corpos do que inativas (Campbell & Hausenblas, 2009; Greenleaf, Boyer, & Petrie, 2009). Para adquirir esta capacidade as adolescentes têm cada vez mais procurado espaços como as academias de ginástica, que são identificadas socialmente com a perda e ganho de peso e definição de massa muscular, sendo motivadas a aderir pelas transformações na aparência e não pela função física do exercício (Bree, Abbott, Bonnie, & Barber, 2011).

A investigação tem demonstrado que a adesão às atividades físicas por parte das adolescentes é passível de comportamentos e sentimentos desfavoráveis relativos à aparência, visto que, as meninas menos ativas relatam como impedimento sentir vergonha do corpo e não estarem à vontade frente as pessoas desconhecidas, nomeadamente os rapazes, por perceberem-se julgadas seja pela forma corporal, vestimenta ou inaptidão na prática das atividades, enquanto que as mais ativas relataram menos impedimento (Knowles, Niven, & Fawcner, 2011; Slater & Tiggemann, 2010; Yungblut, Schinke, & McGannon, 2012).

Preocupa o fato das adolescentes que procuram a prática de atividade física com fins estéticos apresentar níveis elevados de insatisfação corporal e alto percentual de desistência das atividades, pelo fato do ambiente das

academias oferecerem situações potencializadoras de insatisfação (espelhos onde se ver o corpo inteiro e imagens de corpos femininos magros e bem definidos) além do ideal de beleza perseguido ser inatingível para a maioria, desmotivando e gerando insatisfação com a imagem corporal (Craike, Symons, & Zimmerman, 2009; Prichard & Tiggemann, 2008; Slater & Tiggemann, 2006) não relacionando a atividade física à saúde (Tiggemann & Williamson, 2000).

No que refere a relação da participação de adolescentes em atividades físicas e esportivas com a imagem corporal, uma teoria que poderá investigar algumas questões é o processo da auto-objetificação, caracterizado por monitoramento da aparência externa, que apresenta como princípio a experiência de ser olhada como objeto a ser avaliado pelo outro, gerando a internalização desse observador em seus próprios corpos (Fredrickson & Roberts, 1997), sendo encontradas associações entre a vergonha e vigilância do corpo e transtornos alimentares em adolescentes (Fredrickson & Harrison, 2005; Slater & Tiggemann, 2012).

Nesse contexto, apresentaremos o estado de investigações que demonstraram diversas experiências envolvendo adolescentes. Um estudo de Slater e Tiggemann, (2011) analisou a relação entre o domínio das atividades físicas e participação no esporte organizado e a imagem corporal. Os autores identificaram uma menor participação das meninas relativamente aos meninos, e que as provocações dos pares sobre o corpo causando constrangimento e as preocupações com a imagem corporal podem contribuir para a redução dos níveis de participação em atividades físicas e esportivas de meninas adolescentes.

Essas menores taxas de participação para as meninas é preocupante, tendo em vista os benefícios já conhecidos. No entanto, no estudo em questão, foi relatado que mais meninas que meninos participaram de outras atividades, sendo as academias de ginástica o espaço onde as meninas demonstraram níveis mais elevados de vergonha do corpo e transtornos alimentares do que as meninas que não se exercitavam em academias. Essas implicações trazem prejuízos à formação dos adolescentes, pois sendo a prática desportiva ambiente favorável ao desenvolvimento de aspectos como a autodisciplina, a cooperação, o agir com ética na adversidade e no êxito, liderança e autoconfiança, promove a competição saudável, uma autoestima positiva e melhoria no autoconceito confiança (Stryer, Tofler, & Lapchick, 1998).

Outra investigação, conduzida por Prichard e Tiggemann (2012) apresentou como resultado um maior sentimento de auto-objetificação em mulheres jovens que frequentaram por 12 meses um centro de *fitness* em relação as mulheres que não frequentaram, sugerindo que as mulheres jovens que se exercitam dentro do ambiente de academia pode ter um risco aumentado de desenvolver a auto-objetificação, sendo este um dos preditores da insatisfação com a imagem corporal e transtornos alimentares.

Bree e Abbott (2011), em estudo realizado com adolescentes australianas, verificaram que as meninas fisicamente ativas não associavam à prática de atividades esportivas à funcionalidade do corpo, e sim a forma atlética, senso de competência e imagem corporal positiva. O tipo mais comum de atividade relatado foi ir à academia de ginástica, fato justificado por não necessitar ser membro de clubes ou associações atléticas. O foco permaneceu voltado para a melhoria da aparência.

Um estudo em meninas adolescentes de baixa renda africanas, americanas e latinas analisou a relevância da auto-objetificação e auto-vigilância na insatisfação corporal e autoestima. Foi verificado IMC, etnia e competência atlética percebida como moderadores dessa relação. Foram encontrados níveis mais elevados de auto-vigilância associados com a autoestima baixa. Entre as adolescentes afro-americanas com maior IMC, a auto-objetificação foi associada a uma menor insatisfação corporal e entre as adolescentes latinas onde a competência atlética percebida era superior, a maior auto-objetificação foi associada com uma autoestima baixa. Os resultados desse estudo indicaram que a auto-objetificação e auto-vigilância são experiências vividas pelas adolescentes de baixa renda e adolescentes de minorias étnicas, sendo verificado aumento da incidência em toda a transição para a adolescência (Burdette, 2014).

Observamos que a busca dos benefícios conhecidos referentes à questão funcional ou de promoção da saúde, parece não ser o objetivo maior das adolescentes procurarem a prática de atividades físicas e esportivas, e sim, razões relacionadas às preocupações com o peso e a insatisfação com a aparência, almejando um corpo magro e atlético nos padrões aceitáveis consoantes aos ideais de mídia e atratividade (Tiggemann & Williamson, 2000).

Conclusão e Recomendações

Nossa intenção foi apresentar a imagem corporal como um construto envolto nos diversos elementos e variáveis que a influenciam, sendo perceptível a existência de um problema que poderá gerar sérias consequências para a formação das adolescentes, comprometendo a saúde, as relações sociais e a adoção de hábitos saudáveis e duradouros de práticas de atividade física e esportiva.

Nesse contexto, por suas características como disciplina curricular que tem como objeto de estudo o corpo em movimento intencional, recomendamos aos professores, gestores e classe política, que reconheçam as aulas de Educação Física, como espaço que oferece plenas condições por meio de suas práticas, de contribuir com o desenvolvimento de programas de intervenção para a formação da imagem corporal, primordialmente em adolescentes consideradas inativas, com baixo status social e matriculadas em instituições públicas com baixo índice de educação (Schneider, et al., 2013).

Que os professores dediquem maior tempo das aulas a aprendizagem dos alunos em detrimento ao excesso de tempo despendido com a instrução e organização, com vistas a ampliação de experiências práticas positivas, que seja capaz de desenvolver as competências e habilidades motoras, sem descuidar do conhecimento sobre os benefícios e a importância da prática contínua de atividades físicas e esportivas ao longo da vida por meio de experiências prazerosas e metodologias ativas.

Por fim, que os gestores da educação conheçam e entenda o potencial educativo da Educação Física desligando-se do senso comum para além de suas experiências pessoais e “antigas” em bancos escolares. É preciso que a escola ampare o desenvolvimento da Educação Física em benefício dos alunos, proporcionando condições aos professores, para o planejamento e cumprimento das metas e expectativas de aprendizagem.

SCHOOL HEALTH: FACTORS ASSOCIATED WITH FORMATION OF BODY IMAGE IN ADOLESCENT

ABSTRACT

This article deals with the survey of the literature on body image and their constructs. We aimed to present the body image as a wrapped construct in different elements and variables that influence it, being noticeable that there is a problem that can have serious consequences for the training of adolescents, affecting the health, social relationships and the adoption of habits healthy and long-lasting physical activity and sport practices. The distance culturally idealized body affects the social dynamics in that the search for the framework on standards does not recognize boundaries, and such motivation exercised without due recognition of the diversity of physical constitutions that are present in the population, as well as the risks to physical health and psychological people. In this sense, understand the relationship between physical fitness levels with the self-perception of body image, should be cause for attention, social setting guided by inativismo obesity and sedentary behavior patterns. The analyzed studies showed theoretical support able to substantiate new research, highlighting the importance of programs developed in school.

Key - words: Body image. Adolescence. Health at school.

SANTÉ SCOLAIRE: FACTEURS ASSOCIÉS AVEC LA FORMATION D'IMAGE DU CORPS DANS L'ADOLESCENT

RÉSUMÉ

Cet article traite de l'étude de la littérature sur l'image du corps et de leurs constructions. Nous avons cherché à présenter l'image du corps comme une construction enveloppé dans différents éléments et les variables qui l'influencent, étant notable qu'il ya un problème qui peut avoir de graves conséquences pour la formation des adolescents, affectant la santé, les relations sociales et l'adoption d'habitudes des pratiques saines et durables activité physique et sportive. La distance corps idéalisé culturellement affecte les dynamiques sociales en ce que la recherche de la cadre sur les normes ne reconnaît pas les frontières, et une telle motivation exercé sans la reconnaissance de la diversité des constitutions physiques qui sont présents dans la population, ainsi que les risques pour la santé physique et les gens psychologiques. En ce sens, comprendre la relation entre les niveaux de condition physique avec l'auto-perception de l'image corporelle, devrait être un motif pour l'attention, cadre social guidé par inativismo obésité et les comportements sédentaires. Les études analysées ont montré un soutien théorique en mesure de justifier de nouvelles recherches, soulignant l'importance des programmes développés à l'école.

Mots - clés: l'image corporelle. Adolescence. Santé à l'école.

ESCUELA DE SALUD: LOS FACTORES ASOCIADOS CON LA FORMACIÓN DE LA IMAGEN CORPORAL ADOLESCENTE

RESUMEN

En este artículo se aborda el estudio de la literatura de la imagen corporal y sus construcciones en. El objetivo fue presentar la imagen del cuerpo como una construcción envuelta en diferentes elementos y variables que influyen en ella, siendo notorio que hay un problema que puede tener consecuencias graves para la formación de los adolescentes, que afecta a la salud, las relaciones sociales y la adopción de hábitos prácticas saludables y duraderas de la actividad física y del deporte. El cuerpo culturalmente idealizada distancia afecta la dinámica social en que la búsqueda de la estructura sobre los estándares no reconoce fronteras, y esa motivación ejercido sin el debido reconocimiento de la diversidad de las constituciones físicas que están presentes en la población, así como los riesgos para la salud física y personas psicológicos. En este sentido, entender la relación entre los niveles de aptitud física con la autopercepción de la imagen corporal, debe ser motivo de atención, entorno social guiada por la obesidad inativismo y patrones de conducta sedentaria. Los estudios analizados mostraron apoyo teórico capaz de fundamentar una nueva investigación, destacando la importancia de los programas desarrollados en la escuela.

Palabras - clave: imagen corporal. Adolescencia. Salud en la escuela.

SAÚDE DE ESCOLARES: FATORES ASSOCIADOS À FORMAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NA ADOLESCÊNCIA

RESUMO

Este artigo versa sobre o levantamento da literatura pertinente a imagem corporal e seus constructos. Teve como objetivo apresentar a imagem corporal como um construto envolto nos diversos elementos e variáveis que a influenciam, sendo perceptível a existência de um problema que poderá gerar sérias consequências para a formação das adolescentes, comprometendo a saúde, as relações sociais e a adoção de hábitos saudáveis e duradouros de práticas de atividade física e esportiva. O distanciamento do corpo idealizado culturalmente afeta a dinâmica social na medida em que a busca pelo enquadramento nos padrões não reconhece limites, sendo tal motivação exercida sem o devido reconhecimento da diversidade das constituições físicas que estão presentes na população, bem como dos riscos à saúde física e psicológica das pessoas. Nesse sentido, compreender a relação dos níveis de aptidão física com a autopercepção da imagem corporal, deve ser motivo de atenção, pela configuração social pautada pelo inativismo e obesidade em padrões sedentários de comportamento. Os estudos analisados apresentaram suporte teórico capazes de consubstanciar novas pesquisas, evidenciando a importância de programas desenvolvidos na escola.

Palavras – chave: Imagem corporal. Adolescência. Saúde na escola.